

Memória



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Memória

Original: educacion.press/2018/05/24/terminos-y-mentalidades-memoria/

A memória neutra não existe. Mas o que é memória? E, de acordo com isto, o que seria recordar? E o que é a curar a memória?

Hoje ninguém duvida da força da realidade emocional no ser humano. É comumente aceito que não somos apenas racionais, mas também emocionais. E, embora sejam muitos os que ainda não descobriram a relação intrínseca e natural entre a razão e emoção, é aceito por todos que algo "tem a ver" uma com outra. Tudo isso levou

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Portos e Caminhos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*

hoje à existência de uma sensibilidade para descobrir uma presença emocional onde antes se acreditava que a razão reinava. Este é o caso da memória. A visão tradicional da memória consiste em recordar o que passou a modo de dados neutros. Neste caso, a memória é basicamente um exercício cognitivo; que junto a um modelo em que aprender coisas é basicamente exercitar a memória, levou a entender durante muito tempo a docência como algo fundamentalmente cognitivo. Esta associação entre memória e recordar dados é o que se chama de memória neutra. Mas, hoje, sabe-se que **a memória neutra não existe**. Não existe significa que, embora se queira lembrar as coisas como um mero recordar dados, não é possível ficar aí.

Hoje se sabe que a memória também coleta as emoções intrinsecamente unidas a estes dados. O emocionante se aprende mais intensamente e se esquece menos, que as emoções agradáveis favorecem recordar as coisas mais globalmente e que as desagradáveis favorecem recordar as coisas em seus detalhes. Portanto, foi proposto que tem que emocionar os alunos para que aprendam coisas. Assim, se está procurando no aluno o botão da emoção. Este botão deve ser pressionado pelo professor ou pai para que o aluno ou filho acenda, não se sabe o quê, e comece a memorizar tudo. Esta proposta, além de simplória, acaba caindo onde queria sair, pois acaba pensando que o importante da memória é recordar dados. Ou que é possível distinguir entre os dados e as emoções que eles despertam, o qual supõe ignorar qual é o significado de uma realidade (ver o termo Significado).

Ou seja, descobriram que o emocional é importante, mas acabam pensando que o emocional modula a forma de recordar os dados. O que valeria a pena que descobrissem é que **não existem dados, mas sim dados vividos**. O que falar sobre dados é uma conceitualização abstrata da experiência vivida.

A pesquisa em neurociência pode nos ajudar em nossa apresentação, porque nos mostra que **o que chamamos de recordar, reviver, recontextualizar e reinterpretar não são ações distintas, e sim distintos aspectos da mesma ação**. Os quatro verbos se dão ao mesmo tempo. Assim, ao exercer a memória, a memória humana, o que fazemos é, na verdade, estas quatro coisas, que não são quatro, mas somente uma. Os quatro termos não são quatro ações que podemos relacionar, mas existe apenas uma ação e, na medida que nos fixamos nela, descobrimos que podemos conceitualizar quatro elementos distintos.

Ao falar da memória, ressaltamos que estou falando sobre memória humana; já que a memória existe no universo inteiro. Também uma pedra tem memória: se você dá

um golpe e a quebra, se recordará para toda a vida. Se memória é que o passado afeta o presente, as pedras também têm memória. Os que querem reter dados e dados buscam uma memória *petrina*. Também um animal tem memória. Mais sofisticada do que a de uma pedra, pois experiências do passado servem para tomar decisões diversas no presente. Mas isso não é a memória humana. Os que buscam simplesmente uma memória para aprender do passado, das boas e más experiências, estão se movendo ao nível da memória animal, uma memória emocional. A memória humana faz muito mais, pois recorda-revive-recontextualiza-reinterpreta em um só ato. Repito, não são quatro ações que relacionamos, mas uma só ação da qual diferenciamos elementos.

Ao recordar, se volta a viver em nosso corpo as experiências que em um tempo passado se viveram, mas se revivem contextualizadas na nova situação, porque a mesma experiência emocional muda e, paralelo a isso, se está dando um novo significado ao vivido. **Com cada ato de recordar, mudamos nosso passado.** Isto é o que permite que curar a memória. Quando as pessoas tiveram experiências tão dolorosas que não as podem aceitar, a psicanálise nos ensina que assim que surge o subconsciente. Winnicott dizia que, quando não contamos com os recursos para acolher um acontecimento passado pela dor que desperta em nós, então temos o recurso psicológico de ocultá-lo ao nosso próprio consciente. Não se suporta a contemplação de tal dor. Esta é uma das vias pelas quais se forma o subconsciente. Mas subconsciente não quer dizer que não esteja ativo em nossa vida. É preciso curar a memória: se, em um novo ambiente, a pessoa atualiza o vivido, então a memória humana lhe permite reviver e recompreender o vivido desde sua situação atual.

Um ponto onde a memória humana e a memória animal se diferenciam claramente é que a memória animal recorda as experiências emocionais que o animal viveu, mas a memória humana recorda as relações interpessoais que estavam em jogo, da mesma forma que, quando damos significado ao mundo, o que fazemos é projetar a qualidade de nossas relações interpessoais sobre o que são as coisas, tal como mostraram as pesquisas sobre o *social referencing*. Se as coisas, o que são, provém da forma de se inserirem nas relações interpessoais, a recordação das mesmas é a recordação de tais relacionamentos.

Para um animal sim existem dados como o "saco" de características ligadas à presença de um objeto. Ou seja, para um animal não existe o objeto, mas experiências emocionais ligadas ao objeto, que é o que um animal chamaria de dados. Mas, para o ser humano não existem dados, senão relações interpessoais.

Explicar isso em detalhes seria extenso, mas, basicamente, um animal recorda as experiências emocionais que viveu e os dados associados a ela; em vez disso, uma pessoa recorda a intenção da relação pessoal além da mera experiência emocional ou dos dados. O qual produz que, enquanto para o animal, estritamente falando, não existem nem relações, nem objetos, mas apenas dados; por outro lado, para a pessoa existem as relações interpessoais, pode descobrir a presença do objeto e ainda diferenciá-la dos dados.

A memória humana recorda sempre pessoalmente, ou seja, recorda a significação pessoal do evento. Se alguém vai e bate em um animal, o animal recorda a experiência emocional e os dados que a cercam; mas se bate em uma pessoa, o que se recorda é a experiência pessoal de haver se sentido rejeitado no que se é e significa.

Curar a memória, no caso de um animal, é dar-lhe novas experiências agradáveis e uns dados agradáveis mitigarão o efeito de uns dados desagradáveis. Para o ser humano, a memória não se cura por viver uma situação de bem-estar depois de uma situação dolorosa, mas é preciso reparar as relações interpessoais em jogo.

Então, quando queremos que nossos filhos ou alunos aprendam dados, e para isso queremos emocioná-los para que os memorizem mais fixamente, os estamos tratando como animais.

A memória humana é a memória das relações interpessoais e neste marco se escrevem todos os dados que se queira. Ao ser humano, o que importa é outros seres humanos, e os dados que recordamos são os que nos ajudam a saber situar-nos nesse mar complicado de relações interpessoais. Ao recordar, o que se faz presente são as experiências interpessoais em jogo. Assim, não apenas haveria que dizer que não há memória neutra (pensando que recordar é um ato técnico e frio para recordar dados), senão que **tampouco existe a memória emocional** (dados + emoções), mas **o que realmente existe no ser humano é a memória pessoal**.

Um caso paradigmático disto encontramos no caso do Alzheimer, onde o doloroso não é o esquecimento de dados, nem sequer a questão está em não se lembrar das experiências emocionais vividas, mas o doloroso é que não recordamos qual era a relação interpessoal que tínhamos com os seres queridos.

Assim, a memória humana, a que temos chamado de memória pessoal, acaba conduzindo a reinterpretar as relações interpessoais desde as relações interpessoais presentes e abrindo-se ao tipo de relação interpessoal que



poderíamos ter. Todo o exercício de memória não inclui apenas a reinterpretação do passado, mas também um reinterpretar-se ao nível pessoal (explicação no termo Resignificar).

Se no termo Significado víamos que os dados são significativos pelo que supunham para a relação interpessoal, é lógico que agora digamos que, ao recordar dados, o que recordamos, na verdade, são as relações interpessoais em jogo. **A novidade seria em que a memória humana é criativa e permite resignificar (e curar) as relações interpessoais em jogo.** Por isso, a resignificação se realiza pelo agradecimento e a reconciliação (ver esses termos).

Ao nível educacional, isso implica que seria conveniente educar pessoalmente e não animalmente. Querer aprender dados e querer recordar dados e suas experiências emocionais adjuntas é aprender e recordar como um animal. Querer aprender o que os dados significam e ajudam na relação interpessoal, e recordá-los da mesma forma, é aprender e recordar como um ser humano.